II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Eixo temático: 1. Teoria da subjetividade: discussões conceituais e relações com outros referenciais teóricos

Epistemologia Complexa e Epistemologia Qualitativa: por um diálogo entre as noções de sujeito/subjetividade de Edgar Morin e subjetividade cultural-histórica de González Rey

Renato Bastos João, Universidade de Brasília, e-mail: renatobastosj@gmail.com

Trabalho Completo

Resumo: A finalidade deste ensaio é desenvolver uma discussão dialógica entre a noção de sujeito/subjetividade de Edgar Morin, em sua obra “O Método”, e a concepção de subjetividade cultural-histórica de González Rey, destacando suas similaridades, complementariedades e concorrências ontológicas e epistemológicas. Para tanto, foi apresentada, primeiramente, a noção de sujeito/subjetividade elaborada ao longo da obra “O Método” de Edgar Morin, evidenciando os três conceitos-chaves, a saber: autonomia-dependência, indivíduo e sujeito. Considerando a noção de subjetividade de González Rey, no que diz respeito a sua fundamentação ontológica, buscou-se destacar sua limitação em atribuir uma gênese histórico-cultural dissociada das dimensões biológica e psíquica. Diferentemente, para a epistemologia complexa a origem do sujeito/subjetividade está na articulação entre as dimensões biológica e antropossocial. No que concerne a sua fundamentação epistemológica, entende-se que a proposta do seu construtivismo acaba se alinhando a uma posição unicamente antirrealista, diferentemente da proposta da epistemologia complexa que busca uma posição intermediária entre realismo e formalismo, indicando a possibilidade de um co-construtivismo. Em relação ao entendimento acerca do qualitativo, buscou-se evidenciar que, enquanto a epistemologia qualitativa o circunscreve unicamente no que é subjetivo no humano, para a epistemologia complexa o qualitativo é uma emergência presente desde o mundo físico, guardando suas especificidades no biológico e, sobretudo, no antropossocial. Para além das concorrências, são destacadas as similaridades e complementariedades epistemológicas e teóricas intencionando indicar possíveis contribuições entre as duas concepções de subjetividade. Por fim, conclui-se

**BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB**

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

que mesmo considerando o escopo específico para o qual a concepção de subjetividade cultural-histórico se propõe, o das ciências humanas e sociais, para uma consolidação da sua estruturação teórica se faz necessário desenvolver uma fundamentação ontológica que responda a seguinte questão: de que realidade constituidora da subjetividade está se falando e qual sua relação com as outras realidades (biológica, social etc.) das quais se diferencia?

Palavras chave: Epistemologia complexa; epistemologia qualitativa, subjetividade.

Introdução

O presente ensaio tem como intenção contribuir com as reflexões acerca da concepção de uma teoria da subjetividade cultural-histórica propostas por Gonzalez Rey, no que concerne as discussões conceituais e suas relações com outros referenciais teóricos. Neste sentido, o objetivo que guiará a incursão nessa temática será desenvolver uma discussão dialógica entre a noção de sujeito/subjetividade de Edgar Morin, em sua obra “O Método”, e a concepção de subjetividade cultural-histórica de González Rey, destacando suas similaridades, complementariedades, concorrências e antagonismos.

A problemática que será posta como pano de fundo da discussão está relacionada ao fundamento ontológico e epistemológico da noção de subjetividade cultural-histórica de González Rey, no que diz respeito ao que consideramos como suas limitações. Em relação a este ponto da discussão, estaremos destacando as concorrências, e talvez os antagonismos, com a noção de subjetividade de Edgar Morin. Não obstante, também buscaremos apontar para as similaridades e complementariedades que identificamos como sendo possíveis entre essas concepções. Entre as complementariedades, concorrências e antagonismos, buscar-se-á delinear as contribuições possíveis entre as duas concepções que escolhemos para um diálogo amistoso.

Epistemologia complexa e a noção de sujeito/subjetividade

Antes de apresentarmos em linhas gerais a noção de subjetividade desenvolvida por Edgar Morin em sua obra “O Método” ([1980?], 1997, 1998, 1999, 2003, 2005) é necessário esclarecer que para Morin (1999) a noção de subjetividade é indissociável da noção de sujeito.

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Correspondendo aos níveis de complexificação da condição de sujeito, seja filogenética (dos unicelulares à espécie humana) ou ontologicamente (do ser celular ao organismo de um ser humano humana em seus diferentes momento de desenvolvimento), a subjetividade humana emerge em três níveis diferentes do indivíduo-sujeito humano e também no nível social, mantendo uma relação recursiva entre estes vários níveis.

A fundamentação desta perspectiva para a noção de sujeito/subjetividade humana resultou de um esforço em-ciclo-pédico, no sentido original de *agkuklios paidea*: “aprendizagem que põe o saber em clico (...), isto é, de aprender a articular os pontos de vista disjuntos do saber num ciclo ativo” (MORIN, 1997, p. 22). Tal esforço foi necessário para empreender uma reconstrução conceitual em cadeia, a partir da articulação das três esferas do conhecimento - física, biologia e antropossociologia - e então alcançar uma concepção complexa de sujeito/subjetividade humana. Considerando-se que todo ser vivo estar enraizado no *bios*, universo da vida, Morin (1996; 1999) parte de uma perspectiva “biológica”, a saber, a que corresponde à lógica própria do ser vivo, para fundamentar uma noção científica de sujeito/subjetividade. Construída mediante a articulação de algumas noções-chaves, passaremos a destacá-las, resumidamente, em virtude dos limites deste ensaio.

A primeira noção é a de autonomia, conceito que parte da ideia de auto-organização, proposta por Von Foerster para compreender o ser vivo, mas desenvolvida dentro de uma visão sistêmica complexa elaborada por Morin (1997; 1999). Em sua proposta, Morin (1997) resgata e propõe, a partir da ideia pré-socrática de *physis*, que a organização é o conceito original que permite introduzir uma dimensão física na organização viva e na organização antropossocial. Para tanto, considerando que toda autonomia é relativa, visto que todo ser vivo depende de seu meio ambiente, é desenvolvida a noção de auto-eco-organização para evidenciar o caráter constituidor e constante com o meio físico, biológico, social e cultura, no caso dos seres humanos. Se para todo ser vivo a sua autonomia é dependente do seu trabalho para abastecer-se de matéria, energia e informação e despendê-las no meio ambiente, no caso dos seres humanos, a autonomia é também fortemente dependente de uma sociedade e de uma cultura, mediante a relação com uma língua e os seus saberes.

A segunda noção destacada pelo autor é a de indivíduo, entendida em sua complexa relação recursiva com a espécie e a sociedade. Na proposta de Morin (1996; 1999; 2003), o

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

indivíduo é um produto dos processos de reprodução da espécie. Mas ele mesmo é o produtor no processo que concerne a sua progenitura, isto é, indivíduo e espécie são produtos e produtores, num ciclo retroativo. Por esta razão, a sociedade pode ser considerada o produto de interações entre indivíduos, interações estas que criam uma organização que tem qualidades próprias, em particular a linguagem e a cultura, que por sua vez incidem sobre os indivíduos, dando-lhes linguagem, cultura etc. Isto significa que os indivíduos produzem a sociedade, que produz os indivíduos, o que permite conceber a autonomia do indivíduo, mas de forma extremamente relativa e complexa.

A terceira noção é a de sujeito que precisa ser compreendido a partir da condição de que toda organização viva necessita de uma dimensão cognitiva, indissociável da sua dimensão sensível, como consideramos ser fundamental destacar. Ocupando um papel permanente em todos os processos da organização viva, do unicelular à espécie humana, do ser celular ao organismo de um ser humano, esta dimensão sensível-cognitiva, denominada de computacional, trata os estímulos, dados, signos, símbolos e mensagens para agir dentro do mundo exterior, como também do mundo interior, e conhecê-los (MORIN, 1996; 1999; 2001).

Esta computação, computa por si mesma e para si mesma, ou seja, está animada por uma autofinalidade. Por esta razão, Morin (1996; 1999) vai definir esta qualidade a partir do termo latim *computo* (cômputo), "eu computo". Ato pelo qual o sujeito se constitui - pois se deixa de computar morre - posicionando-se no centro de seu mundo (egocentrismo) para tratá-lo, considerá-lo e realizar todas as ações de preservação, de proteção, de defesa etc.

Para fundamentar a ideia de computação são formulados princípios de identidade. Um primeiro, que permite ao ser vivo tratar-se enquanto diferente e equivalente a si mesmo. Tal princípio permite conceber o "Eu" (posição egocêntrica), o "Eu Mesmo" (objetivação do eu) e o "Si mesmo" (a entidade corporal), sendo os três termos idênticos e diferentes. Com eles constitui-se um princípio informático (*logiciel*), "Eu sou eu mesmo" (MORIN, 1996; 1999), que, apesar de ser ignorado pela bactéria e pelo ser celular num organismo humano, está gravado nele, permitindo sua existência e possibilitando-a tratar-se a si mesmo.

Este princípio de identidade complexo permite compreender todas as operações de tratamento objetivo dos seus constituintes pelo unicelular, mas com uma finalidade subjetiva, o que permite inferir a auto-exo-referência. Isto é, ao mesmo tempo em que enquanto eu-sujeito

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

pode, diria a bactéria, “tratar-se a mim mesmo, referir-me a mim mesmo”, precisa se referir ao mundo externo, que para isso deve fazer uma distinção fundamental entre o si e o não-si (da imunologia). Esta distinção é a um só tempo cognitiva e de valor: “atribui-se valor ao si, e não valor ao não-si. Este processo de auto-exo-referência é o que é constitutivo da identidade subjetiva. E assim se opera a distinção entre si/não-si, mim/não-mim, entre o eu e os outros eus” (MORIN, 1996, p. 49-50).

Um segundo princípio de identidade indicado pelo autor (MORIN, 1996; 1999) é “o eu realiza a unidade”. Este princípio mantém a invariância do eu sujeito, apesar de extraordinárias modificações corporais, celulares, de transformações do si, que se sucedem ao longo de períodos de reproduções celulares e também ao longo da vida de um ser vivo, sobretudo dos seres humanos. “A ocupação desse lugar central do eu que se mantém permanente, através de todas as modificações, estabelece a continuidade da identidade” (1996, p. 50).

Associados aos dois primeiros princípios de identidade, Morin (1996; 1999; 2001) indicará um terceiro e quarto princípios subjacentes a estes, o de exclusão (o “Eu” é único para cada um) e inclusão (o “Eu” pode ser inscrito num “Nós”, e um “Nós” num “Eu”) e ainda um terceiro, o da intercomunicação (é por trazer em si mesmo a alteridade que o sujeito pode comunicar-se com o outro). Com os dois primeiros princípios subjacentes pode-se compreender as relações constituidoras que se dão entre o nível individual e o nível social do sujeito e da sua subjetividade.

Com estes princípios de identidade, se estabelece uma definição de sujeito /subjetividade como qualidade fundamental própria do ser vivo. Neste sentido, estas características alicerçam a noção de sujeito/ subjetividade dos humanos, apesar de não se reduzir a elas. Para estes, há um sistema neurocerebral que possibilita a emergência e o enlaçamento do conhecimento e do comportamento, e que manifesta um nível de subjetividade diferente do nível imunológico, ainda que haja comunicação entre estes níveis. Morin ([1980?], 1996; 1999) afirma que temos um sujeito cerebral que é um sujeito no ato mesmo da percepção, da representação, da decisão, do comportamento.

E conjuntamente ao desenvolvimento deste sistema neurocerebral, há o desenvolvimento da afetividade, como aspecto do mundo animal, que está fortemente presente desde os mamíferos, e que apesar de não ser o único elemento constitutivo do sujeito, e

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

acompanhar o desenvolvimento da inteligência nos mamíferos, primatas e humanos, nestes últimos, será uma marca permanente da sua subjetividade. E um segundo aspecto próprio e específico do sujeito humano, pois está ligado à linguagem e à cultura, é a possibilidade de tomar consciência de si mesmo através do instrumento de objetivação que é a linguagem, e de forma inseparável da auto-referência e da reflexividade. “É na consciência que nos objetivamos nós mesmos para ressubjetivarmos num anel recursivo incessante” (MORIN, 1996, p. 53).

A noção de sujeito e subjetividade para Morin apresenta outros desdobramentos fundamentais. Foram expostas aqui, porém, algumas das ideias centrais que alicerçam a noção em discussão, e que permitirão nortear a discussão com as ideias de González Reis (1997; 2003; 2005a; 2005b; 2009; 2011) e González Rey e Mitjánh Martínez (2016; 2017a; 2017b), que também assumem o tema da subjetividade e do sujeito em suas produções, especificamente na psicologia e na psicologia clínica.

A epistemologia qualitativa e suas diferenças e similaridades com a epistemologia complexa: pela complementariedade das diferenças

Em continuidade ao propósito deste trabalho, inicia-se aqui a apresentação da epistemologia qualitativa e da concepção de subjetividade numa perspectiva cultural-histórica desenvolvida por González Rey, no intuito de destacar os pontos relevantes para a discussão proposta. Tal discussão será empreendida a partir do que entendemos como sendo as limitações ontológicas e epistemológicas das ideias de González Rey, quando comparada com a proposta da epistemologia e ontologia complexa de Edgar Morin.

Diferentemente da posição assumida pela epistemologia complexa, a epistemologia qualitativa estabelece uma definição de subjetividade humana que se assenta numa ontologia própria ao humano e que não mantém relação de continuidade com a natureza, o biológico, como propõe a primeira. A ruptura aqui indicada está explicitada por González Rey (2003; 2005a) e González Rey e Mitjánh Martínez (2017a) quando indica as influências de Vygotsky e Rubinstein para a superação do conceito de indivíduo como inerente à espécie, para poder reconhecer a singularidade do sujeito, e da emergência da subjetividade a partir da separação

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

das condições iniciais relacionadas à maturação biológica e aos desenvolvimentos psíquicos, entendidos como distintos dos desenvolvimentos da subjetividade.

Tal ruptura está ainda alinhada com a concepção de uma gênese histórico-social da subjetividade pensada unilateralmente a partir do social, ainda que considere o nível individual. Como explicita o próprio autor, a subjetividade é “um sistema complexo produzido de forma simultânea no nível social e individual, independente de que em ambos os momentos de sua produção reconheçamos sua gênese histórico-social (...)” (GONZÁLEZ REY, 2003, p.202). Em outra passagem das suas reflexões, encontramos a seguinte afirmação “A pesar de los fenómenos diversos que participan en su génesis, sociales, biológicos, históricos, etc., la subjetividad no es la expresión inmediata de ninguno de ellos, sino una producción a partir de formas y procesos simbólicos de naturaleza cultural que son inseparables de las emociones” (GONZÁLEZ REY, 2009, p. 217). Ou seja, em termos de origem, a subjetividade deve ser pensada a partir do social, isto é, de como as dimensões histórica e cultural influenciam o seu desenvolvimento e sua configuração. Entretanto, é necessário reconhecer que para este autor há uma relação de recursividade entre a subjetividade social e a subjetividade individual, ainda que o substrato para a gênese de ambas seja o histórico-social.

Para a epistemologia qualitativa a produção do conhecimento é reconhecidamente uma construção-interpretação que se dá na relação entre sujeito e objeto (GONZÁLEZ REY, 1997, 2002, 2005a, 2005b; GONZÁLEZ REY; MITJANS MARTÍNEZ, 2016). Nessa relação a ênfase recai na construção teórica que busca reconhecer a especificidade dos processos de subjetivação, que, para essa proposta teórica, lembremos, é de uma ontologia própria que não tem uma relação de continuidade ou mesmo algum tipo de relação com o que é biológico e mesmo com o psíquico. Ao assumir tal posição a epistemologia qualitativa rompe com as perspectivas naturalista e realista que estiveram e ainda estão presentes em diferentes psicologias. Considerando essa posição, entendemos que o construtivismo da epistemologia qualitativa tende, no que diz respeito às possibilidades do conhecimento, para uma posição unicamente antirrealista (OKASHA, 2002). Diferentemente do pensamento complexo que aponta para uma relação complementar, antagônica e concorrente entre realismo e formalismo (MORIN, 1997), defendendo um co-construtivismo (MORIN, 1996).

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Essas diferenças entre as duas perspectiva que aqui buscamos aproximar estão relacionadas às ontologias que se inscrevem em níveis distintos da condição humana. Para a epistemologia complexa a concepção de ser e existência, que fundamenta a noção de subjetividade humana, está ao mesmo tempo alicerçada na *physis* organizadora (universo físico), complexificada no biológico, onde se constitui a primeira forma de subjetividade, e guardando características propriamente antropossociológicas, que são irreduzíveis aos níveis anteriores, mas mantendo uma relação recursiva. Diferentemente, para a epistemologia qualitativa a subjetividade é única e exclusivamente humana, situando-se especificamente no nível antropossocial, sem estabelecer fundamentos articulados com o nível físico e biológico. A explicitação dessa distinção se faz necessária em virtude de compreendermos o que as liga e as diferenciam ao mesmo tempo: o reconhecimento do qualitativo.

Para a proposta de González Rey (1997; 2002; 2003; 2005a; 2005b; 2009; 2011; 2017b) o qualitativo está presente naquilo que é a característica essencial do subjetivo no humano, a emergência do sentido e da configuração subjetiva, na relação entre o individual e o social. Para Morin ([1980?], 1997, 1998, 1999, 2003) se o qualitativo também é concebido a partir do que são qualidades emergentes presentes no humano, a sua diferenciação está em reconhecer que os processos emergenciais se dão na natureza desde o nível físico-químico (atômico-molecular), possibilitando a origem da vida (unicelulares e pluricelulares) e toda sua complexificação alcançada na espécie humana (*Homo sapiens*). Ou seja, não se restringindo ao que é específico à produção de sentido no nível simbólico-emocional de um sujeito singular, para o pensamento complexo o qualitativo já está presente na constituição *corpórea/subjetiva* de um sujeito singular que é ao mesmo tempo um indivíduo constituído também por regularidades comuns à espécie. Sendo assim, nesta concepção, a subjetividade humana não se defini apenas pelo qualitativo, mas também pela sua ordem (regularidade) organizacional¹, o

¹ A diferença assinalada entre as noções de qualidade para González Rey e Morin, traz importantes desdobramentos. Enquanto que para González Rey (1997; 2003; 2005b; 2009) a qualidade é a característica principal da subjetividade, se expressando pelo singular, para Morin (1997) as qualidades também são características principais, mas estando ao lado das regularidades (ordem), ambas constituindo todas as formas de organização, desde o átomo à subjetividade humana. Em sua concepção complexa de sistema, a noção de qualidade, enquanto uma emergência da organização e da unidade global dos elementos de um sistema, que não é encontrada nas relações de suas partes isoladamente, está relacionada à diversidade e ao uno, à singularidade e à regularidade (ao que se repete). Ao relacionar a sua concepção de sistema com o tempo, buscando abstrair um princípio de seleção física que indique a evolução desde os sistemas físicos, Morin (1997) aponta para a

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

que nos possibilita considerar o corporal como já dotado de qualidades inerentes a cada sujeito e ao mesmo tempo regularidades comuns à espécie.

Pontuadas essas diferenças entre a epistemologia qualitativa e a epistemologia complexa, devemos destacar similaridades entre alguns dos pressupostos básicos de ambas as propostas. Conforme elucidam Mitjás Martínez (2005) e Hernández (2008), a noção de subjetividade de González Rey pode ser considerada como uma expressão do paradigma da complexidade. Esta aproximação das duas perspectivas tem correspondências tanto em alguns dos pressupostos epistemológicos quanto de aspectos teórico-conceituais.

Com relação aos primeiros, assim como o pensamento de Vygotsky, do qual parte González Rey, tem seu fundamento nas ideias de Hegel e Marx, o pensamento complexo também recebeu influência desses dois importantes pensadores, sobretudo na dialética hegeliana. Todavia, cabe frisar que a ideia de dialética é ressignificada por Morin ([1980?]; 1997; 2003) na noção de dialógica para assim legitimar a contradição e o antagonismo, enquanto complementaridade dos opostos, como elementos essenciais do pensamento complexo. Outro ponto de correspondência epistemológica é a ideia de recursividade na relação entre causa e efeito nos fenômenos em geral, para Morin, e nos fenômenos psicológicos, para Vygotsky, no qual se fundamenta González Rey.

No que concerne aos aspectos teórico-conceituais, tanto a concepção de subjetividade proposta por González Rey quanto a noção de subjetividade em Morin estão fundamentadas nas noções de sistema e organização (MATJÁS MARTINEZ, 2005). Entretanto, enquanto o primeiro traz essas noções de Vygotsky e Rubinstein, o segundo propõe uma definição própria fundamentada na articulação entre a Cibernética, a teoria dos sistemas, a teoria da auto-organização, teoria da informação e o desenvolvimento da Termodinâmica no século XX, que lhe permite colocá-la no centro de toda a sua construção teórica para propor uma forma de conceber as relações entre os mundos físico, biológico e antropossocial (MORIN, 1997).

Nesta perspectiva a subjetividade e o sujeito emergem de uma inter-relação complexa entre a condição biológica, alicerçada na *physis* organizadora, e o mundo antropossocial. Como

necessidade de conceber um universo organizacional que se mantém por ordem e necessidade e também por qualidades. Desta forma, devemos encontrar tanto qualidades quanto regularidades, estabilidade estrutural, permanência e constância fenomênica na subjetividade humana enquanto um sistema/organização complexa.

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

foi explicado anteriormente, é a partir do ser unicelular que se pode abstrair a condição egocêntrica e auto-referente que caracteriza o *computo* e funda a concepção originária de sujeito e subjetividade no *bios*, e que se expressará, a partir de toda sua complexificação no universo antropológico, por meio da linguagem na ideia de um “Eu”, constituidor e constituído por um “Nós”, e vice-versa.

Por sua vez, González Rey (2003; 2005a; 2009 2011; 2017a) explica que Vygotsky e Rubinstein apresentaram uma visão da psique como um sistema com formas de organização próprias, no que diz respeito aos processos de sentido e significação relacionados ao pensamento e a linguagem. No entanto, o autor esclarece que apesar de ter anunciado a noção de sentido, Vygotsky não elaborou o sistema que representaria esta noção, sendo que em sua visão o sistema representante do sentido seria a subjetividade. Por esta razão, sua definição de subjetividade é estruturada na ideia de que sentidos subjetivos, enquanto unidade simbólico-emocionais, se configuram subjetivamente integrando o atual e o histórico em cada momento de ação do sujeito nas diversas áreas de sua vida, e a partir da inter-relação entre as subjetividades individual e social. Desta característica específica, se faz necessário destacar que a sua busca é a de conceituar um fenômeno humano em uma ontologia própria, específica do tipo de organização e processos que o caracterizam, devendo ser entendido como forma qualitativa de existência do real, irreduzível a outros níveis do real, como o biológico e o social, mesmo que estes sejam condições para existência da subjetividade.

Esta similaridade inicial que se diferencia pelos desenvolvimentos distintos empreendidos pelos dois autores, é um indicativo da possibilidade de se elaborar uma complementariedade entre as duas concepções. Por um lado, oferecer à perspectiva de González Rey a possibilidade do seu enraizamento na *physis* e no *bios*, o que permitirá uma efetiva complexificação da sua definição ontológica. Por outro lado, oferecer à perspectiva de Edgar Morin o desenvolvimento de uma teoria psicológica que enfrente a complexidade da inter-relação entre a subjetividade individual e a subjetividade social e seus processos constituidores dos sentidos subjetivos nas configurações subjetivas, singularmente humana.

Considerações Finais

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Em virtude dos limites de discussão do presente ensaio, buscamos apresentar um primeiro diálogo entre a epistemologia complexa de Edgar Morin, que se situa na esfera do debate epistemológico das ciências como um todo, propondo inclusive a religação com os temas filosóficos clássicos, e a epistemologia qualitativa que se situa originariamente no campo da psicologia, tendo também desdobramentos em outros campos das ciências humanas e sociais. A especificidade dos escopos de cada uma dessas propostas é um indicativo das problemáticas que cada uma enfrenta para adentrarem os campos de discussão que almejam. Por esta razão, a epistemologia complexa assume questões que se encontram nos fundamentos da epistemologia da ciência, como é o caso das possibilidades do conhecimento e a suas diferentes posições, tais como o realismo e os antirrealismos.

Não obstante a sua especificidade de discussão, a epistemologia qualitativa não pode deixar de assumir questões epistemológicas indispensáveis ao debate, se deseja fundamentar uma noção de subjetividade humana que dialogue com as comunidades científicas que tratam desta questão, dentro e fora da psicologia. Neste sentido, sua filiação ontológica deve ser justificada para além da defesa de que trata-se de uma concepção de subjetividade pensada a partir de uma ontologia própria e específica, da ordem do qualitativo, e irreduzível a outras formas de realidade. A **questão** é: de que realidade constituidora da subjetividade está se falando e qual sua relação com as outras realidades (biológica, social etc.) das quais se diferencia?

Consideramos, justamente no que concerne esta questão, que a epistemologia complexa pode subsidiar essas discussões com a epistemologia qualitativa a partir da sua teoria da organização/sistema complexa que apresenta a noção de emergência como possibilidade de fundamentação de uma noção de qualitativo e subjetividade em articulação com os mundos físico, biológico e antropológico. Na tentativa de elaborar os primeiros esboços para tal empreendimento, temos desenvolvido a noção de *corporeidade/subjetividade* humana (JOÃO, 2018; JOÃO, 2019) a partir da obra “O Método” de Edgar Morin, na qual, do ponto de vista ontológico e epistemológico, a corporeidade e a subjetividade humana devem ser consideradas

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

de modo relacional e num *continuum* emergencial², formando uma unidade complexa organizada.

Referências

GONZÁLEZ REY, F. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. Havana: Pueblo y Educación, 1997.

_____. **Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

_____. O valor heurístico da subjetividade na investigação pedagógica. In: GONZÁLEZ REY, F. (Org.) **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005a.

_____. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005b.

_____. Epistemología y Ontología: un debate necesario para la Psicología hoy. **Diversitas: Perspectivas en Psicología**, Bogotá, v. 5, n. 2, junio-diciembre, pp. 205-224, 2009. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=67916260002>.

_____. **Subjetividade e Saúde: superando a clínica da patologia**. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. The topic of subjectivity in psychology: contradictions, paths and new alternatives. **Journal for Theory Social Behaviour**, v. 47, issue 4, p. 1–20, december, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jtsb.12144>.

GONZÁLEZ-REY, F.; MITJÁNZ MARTÍNEZ, A. Una epistemología para el estudio de la subjetividad: Sus implicaciones metodológicas. **Psicoperspectivas**, v. 15, n. 1, p. 5-16, 2016. Disponível em: <https://www.psicoperspectivas.cl/index.php/psicoperspectivas/article/viewFile/667/451>. Acesso em: fev. 2019.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. El desarrollo de la subjetividad: una alternativa frente a las teorías del desarrollo psíquico. **Papeles de Trabajo sobre Cultura**,

² A noção de emergência significa, num sentido geral, que os produtos globais das atividades que formam os sistemas (unidade complexa organizada), desde o átomo ao *Homo sapiens*, dispõem de qualidades próprias irredutíveis as suas partes isoladas, e as quais retroagem sobre as próprias atividades do sistema de que se tornam inseparáveis.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Educación y Desarrollo Humano, v. 13, n. 2, p. 3-20, 2017a. Disponível: http://psicologia.udg.edu/PTCEDH/menu_articulos.asp. Acesso em: fev. 2019.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: Teoria, Epistemologia e Método**. Campinas: Alínea, 2017b.

HERNÁNDEZ, O. G. La subjetividad desde la perspectiva histórico-cultural: un tránsito desde el pensamiento dialéctico al pensamiento complejo. **Revista Colombiana de Psicología**, n. 17, p. 147-160, 2008. Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/psicologia/article/view/1163/10028>. Acesso em: fev. 2016.

JOÃO, R. B. Contribuições à ciência da motricidade humana: por uma concepção de corporeidade à luz do pensamento complexo. In: FERES NETO, Alfredo (Org.) **Motricidade humana: novos olhares e outras práticas: à luz da transdisciplinaridade e das ciências emergentes**. Curitiba: Appris, 2018.

JOÃO, R. B. Corporeidade e epistemologia da complexidade: por uma prática educativa vivencial. **Revista Educação e Pesquisa**, v.25, p. 1-17, 2019.

MATJÁNS MARTÍNEZ, A. A teoria da subjetividade de González Rey: uma expressão do paradigma da complexidade na psicologia. In: GONZÁLEZ REY, F. (Org.) **Subjetividade complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

MORIN, Edgar. **O Método III – O conhecimento do conhecimento**. Portugal: Publicações Europa-América, [1980?a].

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. 2ª ed. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1990.

_____. A noção de sujeito. In: SCHNITMAN, D. F. **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. **O Método I – A natureza da natureza**. Portugal: Publicações Europa-América, 1997.

_____. **O Método 4 – As ideias: habitat, vida, organização**. Porto Alegre: Sulina, 1998.

_____. **O Método II – A vida da vida**. Portugal. Publicações Europa-América, 1999.

_____. **O Método V. A humanidade da humanidade – a identidade humana**. Portugal: Publicações Europa-América, 2003.

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

_____. **A cabeça bem feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **O Método VI.** Ética. Portugal: Publicações Europa-América, 2005.

OKASHA, Samir. **Philosophy of science: a very short introduction.** Oxford: University Press, 2002.

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB